O método cartográfico de Walter Benjamin: uma proposta para pesquisas em comunicação

Walter Benjamin's cartographic method: a proposal for communication research

Daniel Melo Ribeiro
danielmeloribeiro@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-0840-2587

Professor adjunto do departamento de Comunicação Social da UFMG. Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. É membro do grupo de pesquisa CIEP/PUC-SP (Centro Internacional de Estudos Peirceanos), colider do grupo MediaAção/UFMG (Grupo de pesquisas em Mídia, Semiótica e Pragmatismo). É integrante da Rede SIMM: Rede de Pesquisa em Semiótica, Interações e Materialidades Midiáticas.

Resumo

O objetivo deste estudo é apresentar uma proposta de método cartográfico de pesquisas em comunicação inspirada em conceitos desenvolvidos por Walter Benjamin. Partimos da seguinte pergunta: quais fundamentos conceituais orientam essa abordagem e como a cartografia, entendida em seu viés metodológico, poderia ser aplicada em uma pesquisa no campo da comunicação? Na primeira parte do estudo, apontamos a relevância do método cartográfico para a área. Em seguida, apresentamos os conceitos que fundamentam o pensamento cartográfico de Benjamin e sugerimos um procedimento baseado em três etapas: a deambulação, a arqueologia e a montagem. Por fim, levantamos pontos de convergência e divergência na aplicação desse método, tendo em vista questões que afetam os estudos contemporâneos em comunicação.
Palavras-chave: cartografia, Walter Benjamin, comunicação.

Abstract

The objective of this study is to present a proposal for a cartographic method of communication research inspired by concepts developed by Walter Benjamin. We start with the following question: what conceptual foundations guide this approach and how could cartography, understood in its methodological sense, be applied in research in the field of communication? In the first part of the study, we point out the relevance of the cartographic method for the area. Next, we present the concepts that underlie Benjamin's cartographic thinking and suggest a methodology based on three stages: deambulation, archeology and montage. Finally, we highlight points of convergence and divergence about the application of this method, taking into account issues that affect contemporary studies in communication.
Keywords: cartography, Walter Benjamin, communication.

Introdução

A cartografia é a ciência que trata das técnicas de construção de mapas, que, por sua vez, são representações diagramáticas de um espaço delimitado (Stjernfelt, 2013). Nesse sentido, a cartografia lida com o desejo de se atribuir um ordenamento ao mundo através da criação de signos que possam, de maneira sintética, organizar o pensamento, orientar o deslocamento e (re)conhecer o espaço habitado. Segundo Zumthor (1993), a criação de mapas envolve um esforço de figuração, a fim de estabelecer uma correlação entre lugares e distâncias. Assim, a cartografia busca conhecer o indefinido, sobrepondo (e impondo) a ele uma grade de leitura.

Como um dispositivo de afirmação de valores modernos, a cartografia assume um caráter científico a partir da expansão das grandes navegações (Brotton, 2014) e se consolida com o crescente aprimoramento das técnicas de mensuração do território, sensoriamento remoto, e, mais recentemente, com os sistemas de informação geográfica (*geographic information systems*, GIS). Sob esse ponto de vista, a cartografia é tratada como um saber institucionalizado que almeja uma representação funcional do espaço, de forma que seus produtos derivados atendam a um anseio de mensuração e de representação racional do território. Para esse propósito, a cartografia se fundamenta em códigos e procedimentos rigorosos, definidos por especialistas, a fim de elaborar mapas que reivindicam uma correspondência lógica com o espaço representado.

Por outro lado, a cartografia também é encarada como um conceito norteador de processos ligados à construção de representações espaciais em outros domínios, sobretudo para enfatizar expressões estéticas e políticas (Harley, 2001). No campo das artes plásticas, por exemplo, a cartografia é intensamente explorada em seus aspectos estéticos, criando mapeamentos a partir da combinação de técnicas de pintura, gravura, escultura, desenho, performances e instalações (Harmon, 2009). Práticas alternativas de mapeamento também são frequentemente adotadas por povos indígenas, que utilizam gravetos, folhas, ossos, pedras, conchas, penas e outros materiais nas suas atividades cartográficas, associando a criação de mapas com rituais, narrativas orais, cânticos e caminhadas (Careri, 2002). Além do aspecto performático, a chamada cartografia indígena debate relevantes questões políticas,

DOI: https://doi.org/10.4013/qt.2023.1122.01 – Vol. 11, nº 22, julho-dezembro/2023

evidenciando como os mapas costumam ser usados como instrumentos de imposição do poder colonial sobre o território (Ribeiro, 2020). Já os estudos sobre a cartografia do período medieval revelam uma perspectiva visual fortemente ligada a questões religiosas, narrativas fantásticas ficcionais e lendas, adicionando elementos do imaginário ao exercício de representação do espaço (Nöth, 2007; Zumthor, 1993). Atualmente, a ligação dos mapas com mundos ficcionais é estudada em suas relações com a literatura e os estudos narrativos (Caquard; Cartwright, 2014).

Todas essas vertentes da cartografia indicam que suas aplicações extrapolam a ênfase em seus aspectos geográficos e técnicos. Neste estudo, entendemos a cartografia em um sentido mais amplo, que não se restringe ao contexto da ciência geográfica ligada à criação de mapas científicos. Interessa-nos compreender as potencialidades da cartografia em suas características metodológicas, como um processo de exploração, coleta, observação, raciocínio e organização espacial de ideias. Dessa maneira, o exercício da cartografia é visto como um método de pesquisa, uma maneira particular de conduzir uma investigação, para além de seu caráter representacional (Kitchin; Gleeson; Dodge, 2012).

Argumentamos que essa perspectiva cartográfica é potencialmente relevante para a comunicação, ao sugerir procedimentos capazes de lidar com as complexidades que caracterizam os objetos empíricos dessa área. Assim, levantamos as seguintes perguntas: quais fundamentos conceituais poderiam orientar uma abordagem cartográfica para a comunicação? Como a cartografia, entendida em seu viés metodológico, poderia ser aplicada em uma pesquisa no campo da comunicação?

1 Comunicação e o método cartográfico

Investigações sobre as relações entre o método cartográfico e as pesquisas em comunicação no Brasil são conduzidas pela professora e pesquisadora Nísia Martins do Rosário e por seu grupo na UFRGS (Rosário, 2022; Rosário; Coruja; Segabinazzi, 2021). Suas reflexões partem de um olhar crítico sobre a ciência moderna de inspiração iluminista, questionando os mitos que fundamentam uma pesquisa. Dentre esses mitos, destaca-se a imposição do raciocínio lógico-racional como único modelo válido de pensamento, a rigidez do método como garantia de obtenção de resultados válidos, a certeza de obtenção da verdade exclusivamente por meio da ciência e a separação entre sujeito pesquisador e objeto pesquisado. Segundo esses pesquisadores, tais mitos contribuíram para consolidar um modo de se fazer pesquisa nas ciências humanas e, por consequência, na própria comunicação.

Assim, a cartografia é apontada por este grupo de pesquisas como uma proposta metodológica capaz de desconstruir alguns desses mitos, a fim de dar conta das complexidades que emergem das análises dos objetos empíricos das atuais pesquisas na área da comunicação. Desafios contemporâneos – como a perspectiva dos afetos, o problema da desinformação, o ponto de vista decolonial, o olhar interseccional, a midiatização, a inteligência artificial e a plataformização dos sistemas comunicacionais em rede, as questões do corpo, gênero e raça, dentre outros – parecem demandar uma "desconstrução de modos de pensar e colocar em prática a ciência e a pesquisa (modernas)" (Rosário; Coruja; Segabinazzi, 2021, p. 71).

Como veremos, uma das características da abordagem cartográfica consiste no aperfeiçoamento do próprio método ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Ou seja, a descoberta e o aprendizado proporcionados pela experiência do pesquisador em seu percurso retroalimentam a metodologia com novos *insights*. Essa proposta sugere, portanto, uma inversão no sentido tradicional de uma pesquisa: o método não seria um roteiro pré-determinado que fixa as etapas da realização da pesquisa, mas ganha contornos mais definidos após a movimentação do pesquisador em direção ao problema investigado. Por outro lado, a adoção do método cartográfico na comunicação não significa o desprezo pelo rigor metodológico ou mesmo um abandono do método. Os próprios pesquisadores reforçam que há uma diferença entre rigor e rigidez metodológica, que, neste último caso, implica uma incapacidade de adaptação e absorção de imprevistos ao longo da pesquisa. Tampouco há uma invalidação dos fundamentos conceituais que orientam as análises críticas empreendidas na pesquisa. Nesse sentido, o método cartográfico também precisa se amparar em linhas teóricas, cujas origens remetem a certos autores que já se empenharam em desvendar essas articulações da cartografia.

Segundo o levantamento produzido por Rosário, Coruja e Segabinazzi (2021), as pesquisas em comunicação no Brasil que abordam o método cartográfico tendem a se filiar, por exemplo, à abordagem de Deleuze e Guattari (1995), apoiando-se em conceitos como rizoma, platôs e movimentos de desterritorialização e reterritorialização. Destaca-se também a influência de Jesús Martín-Barbero, sobretudo a partir de um olhar que privilegia as mediações culturais e que se interessa pelos "mapas traçados a partir das margens" (Martín-Barbero, 2004, p. 14). Os autores também apontam a emergência da cartografia das controvérsias (Venturini; Munk, 2022), metodologia inspirada na teoria ator-rede, desenvolvida, entre outros autores, por Bruno Latour. Esse levantamento também ressaltou abordagens que se apoiam nas reflexões sobre mapas e mapeamentos desenvolvidas por Lucia Leão (2011), pesquisadora da PUC-SP.

Neste estudo, apresentamos uma proposta cartográfica inspirada na obra de Walter Benjamin, que também é um dos autores de referência apontados por Rosário, Coruja e Segabinazzi (2021) em seu levantamento bibliográfico. Esse esforço é justificado como uma tentativa de colaborar para o amadurecimento das abordagens cartográficas na comunicação, que, por ser um movimento ainda incipiente, requer "debate, experimentação e discussão pelos pares" (Rosário, 2022, p. 47). Nesse sentido, vamos sintetizar alguns elementos que caracterizam o pensamento cartográfico de Walter Benjamin, apresentando uma proposta metodológica baseada em sua obra. Dessa maneira, pretendemos sugerir um procedimento que possa inspirar futuras pesquisas na comunicação.

2 O pensamento cartográfico de Walter Benjamin

Walter Benjamin (1892-1940) foi um pensador alemão de origem judaica que se interessou por uma variedade de temas ao longo de sua trajetória intelectual, tais como a literatura, as tradições religiosas, as memórias de infância, as artes plásticas e

a urbanização. Na área de comunicação, Benjamin é lembrado por suas valiosas considerações sobre a emergência dos mecanismos de reprodução técnica das imagens no contexto da popularização do cinema e da fotografia (Benjamin, 2012). Devido à sua proximidade com Theodor Adorno, Benjamin é frequentemente associado à chamada Escola de Frankfurt, ainda que sua visão sobre os meios de comunicação de massa seja divergente de seus colegas quanto às suas potencialidades políticas e estéticas. Sua tentativa frustrada de se habilitar na carreira de professor universitário o conduziu a uma trilha profissional errática e um tanto marginal, em busca de apoio financeiro para seus estudos. Assim, para se sustentar, Benjamin atuou como crítico literário, tradutor e jornalista, paralelamente à sua atividade como pesquisador, que foi em parte financiada pelo Instituto de Pesquisa Social, dirigido por Adorno e Max Horkheimer.

Uma característica marcante de sua obra é a visão crítica da modernidade, principalmente em relação à noção burguesa de progresso. Benjamin foi um árduo contestador da linearidade da história, uma perspectiva que trata o presente como um acúmulo progressivo de acontecimentos passados. Suas críticas mais contundentes a essa noção aparecem em suas teses "Sobre o conceito de história" (Benjamin, 2012), textos que foram publicados após o trágico falecimento de Benjamin na fronteira da França com a Espanha, fugindo da perseguição nazista em 1940. As promessas apontadas pela modernidade de que o conhecimento e a razão poderiam conduzir à sociedade europeia ao progresso se encontravam diante de graves contradições evidenciadas pelas guerras e pelo crescimento do fascismo. Ou seja, por trás da marcha inabalável do progresso, ocultam-se as ruínas de narrativas que não se concretizaram, soterradas pela imposição dos discursos dos vencedores. Nesse sentido, Benjamin se interessa pelos vestígios e fragmentos do passado ocultos pelo tempo, na medida em que são potencialmente reveladores de outras narrativas.

Benjamin detectou esse movimento de declínio da modernidade ao pesquisar as grandes cidades europeias do início do século XX, sobretudo Paris. No contexto de uma intensa urbanização, marcada pelo redesenho de ruas e avenidas, pelo adensamento da rede de transportes, pela crescente industrialização, pela massificação da imprensa, do rádio e do cinema, Benjamin se interessou pelas contradições entre civilização e barbárie (Bolle, 2000), detectadas nos vestígios, rastros e escombros deixados pelo avanço do progresso.

Dois livros são emblemáticos desse esforço: *Rua de mão única* (Benjamin, 2013), uma coletânea de aforismos e fragmentos de textos, reunidos de maneira descontínua em uma espécie de colagem ou montagem de cenas do cotidiano urbano. Nesta obra, a sucessão dos fragmentos simula pensamentos do autor a partir do seu gesto de caminhar por uma rua, característico de um *flâneur*, admirando as fachadas, placas e edifícios. O segundo livro é *Passagens* (Benjamin, 2009), uma imensa coleção de fragmentos e citações sobre a cidade de Paris e suas passagens, galerias arquitetônicas de circulação dos pedestres que abrigavam pequenos comerciantes. Os fragmentos foram organizados em diferentes cadernos que tratam de assuntos como a moda, o poeta Charles Baudelaire, o Barão de Haussmann, o *flâneur* etc. A leitura dos incontáveis fragmentos espalhados pelo livro acaba por estimular um efeito iluminador, produzido pelo choque e pelo contraste das ideias.

Esse breve percurso por alguns momentos-chave de sua obra é relevante para apontar pistas sobre o método benjaminiano de pesquisa, que se configura como uma espécie de mapeamento ou cartografia da modernidade. O interesse de Benjamin pelos espaços urbanos, identificado nos textos que tratam de suas viagens e de seus percursos errantes pelas cidades europeias, pode ser compreendido não somente como um mapeamento da sua trajetória de vida, mas também como um exercício cartográfico de significação da história e da cultura (Presner, 2009). Outro aspecto notável é a utilização frequente de conceitos espaciais, tais como labirinto, topografia e passagens. Destacamos, em especial, as noções de fronteiras e limiares (Barrento, 2013; Gagnebin, 2014). Se, por um lado, a fronteira representa uma divisão espacial arbitrária e abrupta, que separa ambientes de maneira rigorosa, o limiar sugere as noções de transição e fluxo, que permite o movimento e se afasta das dicotomias. Por fim, o pensamento cartográfico de Benjamin também pode ser detectado em sua curiosidade pelos mapas. Embora não tenham sido um objeto específico de suas pesquisas, é possível encontrar várias referências à cartografia e aos mapas ao longo de seus fragmentos de textos (Ribeiro, 2019).

Assim, podemos sintetizar a abordagem cartográfica benjaminiana a partir da ênfase na experiência fenomenológica do caminhante urbano, o interesse por fragmentos e rastros como índices materiais e temporais da cultura e o exercício da montagem, capaz de gerar imagens iluminadoras pelo contraste de ideias. Tendo como base essas características, argumentamos que o pensamento cartográfico de Benjamin pode ser compreendido em três etapas: a deambulação, a arqueologia e a montagem (Ribeiro, 2021).

3 Deambulação: a experiência fenomenológica da pesquisa pelo deslocamento

A deambulação é entendida como um procedimento de exploração do ambiente por meio da *flânerie* e da deriva. Fundamentada na experiência fenomenológica do caminhante urbano, a deambulação não se resume a um "andar sem rumo". O gesto envolve o contato corporal do pesquisador com o espaço, que, ao aguçar os seus sentidos, torna-se poroso à absorção de signos que se manifestam em seu entorno. À medida que se desloca, de maneira um tanto despretensiosa e sem se deter a um percurso pré-determinado, o pesquisador assume uma postura sensível a objetos potencialmente relevantes para sua investigação, sobretudo aqueles que, numa coleta apressada, seriam considerados desprezíveis. "Como o *flâneur* de Benjamin, o pesquisador em deriva observa, recupera índices e marcas urbanas para analisá-los sob o impacto da descoberta daquilo que não se impõe à observação" (Ferrara, 2015, p. 124). Nesse sentido, o *flâneur* supera o mero olhar contemplativo do turista, pois seu gesto se constitui numa espécie de dispositivo de captura do olhar, receptivo ao potencial significativo da surpresa e do inesperado.

> *Aquela embriaguez anamnésica, na qual o flâneur vagueia pela cidade, não se nutre apenas daquilo que lhe passa sensorialmente diante dos olhos, mas apodera-se frequentemente do simples saber,*

> *de dados inertes, como de algo experienciado e vivido (Benjamin, 2009, p. 462, fragmento [M 1, 5]).*

O *flâneur* é um personagem típico da burguesia europeia, o caminhante que se desloca pelas ruas da cidade, observando as vitrines, as pessoas e o movimento das ruas. Benjamin atentou-se para esse personagem no contexto de elaboração de seus estudos sobre as passagens parisienses, inspirado, principalmente, pelas obras de Baudelaire, Edgar Allan Poe e de Franz Hessel. Trata-se de uma figura ligada à emergência do capitalismo urbano, estimulada pelo fascínio das mercadorias e pelo consumo. Ao mesmo tempo, o *flâneur* também é um personagem anacrônico, pois seu gesto contemplativo e despretensioso contradiz as noções de eficiência, pressa e objetividade. Seu passo segue em um ritmo lento, "contra o dinamismo excessivo" (Benjamin, 2015a, p. 56), uma vez que seu olhar está voltado para os detalhes. Esse anacronismo também diz respeito ao interesse do *flâneur* pelos signos que apontam para um tempo anterior, "um trabalho do olhar e da rememoração sobre a superfície do mundo" (Barrento, 2013, p. 99).

A deambulação urbana como princípio fenomenológico e exercício de criação também foi um recurso estético explorado pelas vanguardas artísticas do século XX. Destacamos o Dadaísmo e o Surrealismo – que foram temas abordados nos textos de Benjamin –, como também o Situacionismo, algumas décadas mais tarde (Careri, 2002). Questionando o estatuto da arte como representação, essas vanguardas adotaram a prática do movimento corporal, a fim de desvendar áreas da cidade que fogem ao planejamento determinado, explorando zonas intersticiais ou, como diria Benjamin, espaços limiares. Em comum, essas vanguardas partilham a ideia da errância, que também pressupõe adotar o desvio como um procedimento heurístico necessário para o aprendizado. A exploração de caminhos imprevistos, com a mente aberta ao erro, é uma forma de conhecimento que abraça o medo da incompletude da razão (Gagnebin, 1997). Segundo Benjamin (2009, p. 499, fragmento [N 1,2]),

> *O que são desvios para os outros, são para mim os dados que determinam a minha rota. – Construo meus cálculos sobre os diferenciais de tempo – que, para outros, perturbam as 'grandes linhas' da pesquisa.*

A deriva urbana, por sua vez, foi adotada pelo movimento situacionista como um método que permite a criação de mapas através da caminhada pelos ambientes urbanos, observando as variações na percepção da cidade e nos sentimentos afetivos do pedestre (Careri, 2002). A deriva procura flagrar as manifestações imprevistas, singulares e informais (Ferrara, 2015). Nesse sentido, o movimento incorporou outro componente relevante para a deambulação, que é a relação afetiva com a cidade, permitindo mapear pontos de interesse que extrapolam as articulações esperadas ou uma cartografia de espaços estáveis. Nesse sentido, a deriva ressalta a habilidade de percepção sensível do pesquisador, que, ao se colocar em movimento e em contato físico com a alteridade do mundo exterior, precisa estar aberto a notar as qualidades dos fenômenos observados, sem julgamentos.

Esse breve panorama nos indica que a deambulação pode constituir a etapa inicial de um método cartográfico. No entanto, essa etapa, de caráter qualitativo, abraça a errância, a deriva, a atenção aos detalhes, a valorização do trajeto e a importância da presença corporal do próprio cartógrafo no território a ser mapeado. "O ponto de partida da cartografia, portanto, é o deslocamento, requerendo invenção e experimentação" (Rosário; Coruja; Segabinazzi, 2021, p. 72). Assim, esse procedimento estimula o deslocamento do pesquisador pelo interior dos percursos labirínticos em torno do seu próprio objeto de pesquisa e o conduz à próxima etapa, que envolve a observação arqueológica e a coleta desses registros.

4 Arqueologia: anacronismos e sobrevivências dos rastros

A crítica que Benjamin elaborou sobre a visão linear da história ao longo de sua trajetória intelectual apresenta afinidades com a metáfora da arqueologia (Santaella; Ribeiro, 2017), entendida como um procedimento de escavação em busca de fragmentos soterrados pelo tempo. Esses fragmentos materiais, que se apresentam em forma de ruínas e rastros, aparentemente desprezíveis, teriam o potencial de ressignificar narrativas já consolidadas, ao introduzir novas peças no quebra-cabeça da história. Segundo Benjamin (2015b, p. 101), "quem procura aproximar-se do seu próprio passado soterrado tem que se comportar como um homem que escava".

Benjamin foi um colecionador de rastros, um pesquisador que captou o potencial anacrônico contido nos resquícios materiais de uma determinada manifestação cultural. Os rastros, que costumam ser tratados como ruídos ou como elementos de descarte pelos procedimentos científicos tradicionais, são índices que apresentam um valor significativo para Benjamin. Essa característica pode ser identificada em seu próprio método de trabalho, que se manifesta, principalmente, na organização de *Passagens*: uma coleção de fragmentos de textos, citações e imagens de pensamento. Em um desses fragmentos, Benjamin (2009, p. 502, fragmento [N 1a, 8]) descreve esse gesto de escavação arqueológica: "Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os".

Ao "fazer justiça" aos farrapos e resíduos, Benjamin reconhece que há neles um significado latente, capaz de iluminar o presente a partir de uma ressignificação do passado. Portanto, os rastros portam uma espécie de sobrevivência (Didi-Huberman, 2011), uma capacidade sutil de carregar traços do passado, ainda que sua manifestação original tenha se perdido nos escombros do tempo. Nesse sentido, a sobrevivência é um "ponto nesse encontro dos tempos", uma "colisão de um presente ativo com seu passado reminiscente" (Didi-Huberman, 2011, p. 62). Mesmo que frágeis, esses fragmentos podem representar operadores temporais capazes de conduzir o pesquisador a um aprofundamento histórico relevante para suas análises. Dessa maneira, a etapa arqueológica busca reconhecer a natureza anacrônica desses rastros e nos convida a olhar para o passado de uma outra maneira.

Além de ser um exercício que estimula o choque entre o presente e o passado, a arqueologia também apresenta um caráter político, na medida em que perturba a estabilidade e a

visão hegemônica sobre a maneira como uma certa visão do passado se impõe em nossos discursos. Afinal, as narrativas que prevalecem são aquelas que permanecem sendo contadas pelos dominantes, os "herdeiros de todos os que venceram antes" (Benjamin, 2012, p. 244). Nesse ponto, ele lembra que os valores culturais que herdamos carregam marcas de dominação e poder, fruto da exploração do trabalho de servidores anônimos, pois "nunca houve um documento da cultura que não fosse simultaneamente um documento da barbárie" (Benjamin, 2012, p. 245).

Contudo, os rastros de uma cultura soterrada nunca desaparecem por completo (Santaella; Ribeiro, 2017). Assim, a abordagem arqueológica pode trazer à tona outras narrativas, marginalizadas e invisibilizadas pela marcha do progresso. A proposta benjaminiana de escovar a história a contrapelo é um convite para empreendermos o caminho inverso, contra o fluxo linear do tempo, a fim de revelar o que se esconde por baixo das camadas superficiais da cultura.

A escavação arqueológica numa pesquisa em comunicação diz respeito ao procedimento de coleta dos dados, índices e materiais que irão alimentar as reflexões críticas acerca do objeto de pesquisa. Contudo, essa etapa arqueológica requer que o pesquisador recupere os fios narrativos associados a esses registros, capazes de revelar pistas sobre questões que podem estar ocultas sob as camadas mais visíveis do presente. A arqueologia é também a etapa na qual o pesquisador é estimulado a colocar à prova seu senso de análise crítica sobre o objeto pesquisado, desconfiando das narrativas que tragam respostas imediatas e superficiais para suas questões. Esse procedimento, por sua vez, é complementado na etapa seguinte, onde o pesquisador reúne seus achados e elabora um mapa da sua pesquisa.

5 Montagem: o choque de ideias na criação dos mapas

A montagem é um procedimento que também foi explorado por Benjamin em suas publicações. Podemos identificar referências à montagem nos seus textos sobre as memórias de infância em Berlim, nos fragmentos do livro *Rua de mão única*, nas análises sobre as vanguardas artísticas (sobretudo nas colagens do Dadaísmo), na investigação sobre as técnicas cinematográficas, no teatro épico de Bertolt Brecht, mas, principalmente, na construção de *Passagens*. Em outro fragmento, no qual Benjamin descreve seu próprio trabalho, a montagem aparece, de maneira explícita, como um método organizador visual de ideias: "Método deste trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar" (Benjamin, 2009, p. 502, fragmento [N 1a, 8]).

Um conceito central para compreender a montagem em Benjamin é a chamada imagem dialética, definida como "uma imagem que lampeja no agora da cognoscibilidade" (Benjamin, 2009, p. 515, fragmento [N 9, 7]). Em outro trecho, Benjamin (2009, p. 505, fragmento [N 3, 1]) diz que "a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade". Para Benjamin, a imagem dialética pressupõe um choque de polaridades, um contraste de elementos que produz uma espécie de faísca iluminadora. Ele também evoca a ideia de constelação, uma analogia que remete à junção diagramática de astros que se articulam em certos arranjos espaciais, semelhantes a mapas. Além disso, as imagens dialéticas de Benjamin também lidam com temporalidades distintas, estimuladas pelo encontro do "ocorrido" com o "agora", ou a própria tensão entre presente e passado.

Nesse sentido, as imagens dialéticas compartilham fortes analogias com os procedimentos de montagem, uma técnica que foi explorada em profundidade pelo cinema. Na montagem, "juntam-se duas imagens para sugerir uma nova relação não presente nos elementos isolados, e assim, através dos processos de associação, chega-se à ideia abstrata e 'invisível'" (Machado, 2001, p. 29-30). Desse modo, a montagem não deve ser compreendida somente como uma simples organização de peças: é um método heurístico que, por meio do choque e do contraste de seus elementos, promove a descoberta de novas propriedades que permaneceriam ocultas se tomássemos tais elementos isoladamente (Ribeiro, 2021, p. 286).

Por ser um procedimento que evoca analogias espaciais e visuais, a montagem pode ser considerada uma etapa na qual o pesquisador se engaja na prototipação de ideias, criando mapas. Como apontamos anteriormente, o mapa pode ser entendido como um tipo de diagrama que, do ponto de vista semiótico, é um signo que estimula o raciocínio por meio da articulação visual de relações lógicas entre suas partes (Stjernfelt, 2013). Em um mapa tradicional, por exemplo, o leitor pode identificar correspondências entre locais, distâncias, relevos, profundidades ou intensidades, reconhecendo os recursos gráficos empregados pelos cartógrafos, como linhas, pontos, cores e texturas. Ou seja, para se criar mapas, o pesquisador-cartógrafo evidencia ligações estruturais entre os dados coletados e as representações visuais por meio de procedimentos diagramáticos.

Contudo, um mapa de inspiração benjaminiana deveria explorar, justamente, o contraste de polaridades, a fim de revelar significados que não se encontram aparentes na superficialidade dos fenômenos. Esse choque pela montagem é, sobretudo, um mecanismo de fricção temporal, que lampeja em constelações de imagens. Portanto, na etapa da montagem, o pesquisador mapeia forças, equaciona relações de poder e contrasta ideias, a fim de iluminar algumas respostas para suas questões de pesquisa. Trata-se de um procedimento que também é adotado pela cartografia de controvérsias (Venturini; Munk, 2022), por meio do qual os pesquisadores são estimulados a criar visualizações diagramáticas que possam materializar as tensões em torno da controvérsia escolhida, bem como identificar os trajetos percorridos pelos rastros na rede.

6 O método cartográfico benjaminiano na comunicação

De uma maneira geral, a adoção de uma perspectiva cartográfica considera que o trabalho de um cartógrafo é análogo ao trabalho de um pesquisador da comunicação, pois ambos precisam observar o território da pesquisa, explorar seus múltiplos caminhos, notar suas diferenças, especificidades, padrões e dissonâncias e elaborar uma descrição sobre o ambiente (Rosário; Coca; 2018, p. 38). Há uma analogia entre a cidade e o objeto de pesquisa, que se apresentam como lugares a serem explorados em seus cruzamentos labirínticos, suas múltiplas entradas e passagens. Outras características também são apontadas por Rosário, Coruja e Segabinazzi (2021, p. 72)

como requisitos para esse método cartográfico, tais como o "cultivo à atenção concentrada e aberta", a complementaridade entre a coleta dos dados e a "organização cognitiva", o reconhecimento da não-linearidade da pesquisa, o "olhar constelar do pesquisador" e a montagem do mapa como um arranjo provisório de possibilidades.

Argumentamos que essas características estão em conformidade com um método cartográfico de inspiração benjaminiana. Começamos pela perspectiva do deambulação e da exploração fenomenológica, materializada na figura do *flâneur*, que se apresenta como "um dos princípios do pesquisador-cartógrafo", "que vagueia meio descompromissado pela metrópole – descrevendo o que vê, mas principalmente se fascinando, se deixando tocar e sendo levado a caminhos não planejados" (Rosário; Coruja; Segabinazzi, 2021, p. 73). Já a perspectiva arqueológica de Benjamin remete à etapa da busca por rastros, índices e fragmentos. Como um colecionador, a proposta de Benjamin nos estimula a explorar as possibilidades latentes desses fragmentos, que, por sua vez, abrem múltiplos fios narrativos para leituras que percorrem os subterrâneos da cultura, fugindo de uma visão linear da história. Neste ponto, "o pesquisador-cartógrafo parte para se perder nos fragmentos, já que colecionar é sua tarefa" (Rosário; Coruja; Segabinazzi, 2021, p. 72). Por fim, o choque de contrastes pela montagem é um convite para que o pesquisador crie mapas e articulações diagramáticas de seus achados, colocando em conflito anacronismos e diferenças, em busca de novas iluminações para o problema. "Benjamin privilegia idas e vindas, afastar, contemplar, e ver as conexões intertextuais. Ao formar as constelações, o observador de estrelas percebe quais elementos se destacam e que ligações poderiam ser estabelecidas entre eles" (Rosário; Coruja; Segabinazzi, 2021, p. 73).

A cartografia seria capaz de operar um deslocamento que privilegia uma constante reflexão crítica sobre o método aplicado. Por se tratar de uma abordagem que se constrói à medida que o pesquisador vive a experiência da pesquisa, o caminho de investigação é marcado por desvios e incertezas, cujas arestas contribuem para o aperfeiçoamento do próprio método ao longo do processo. Ao comentar essa característica, Benjamin (2009, p. 517) afirma que seu método "se distingue pelo fato de, ao encontrar novos objetos, desenvolver novos métodos – exatamente como a forma na arte que, ao conduzir a novos conteúdos, desenvolve novas formas". Ou seja, o método cartográfico é dotado de um caráter heurístico, uma maneira de aprender a solucionar o problema a partir da observação empírica dos resultados com o avanço da pesquisa. "Mais potente do que saber de antemão onde pode chegar nossa problematização – por meio da proposta tradicional do método de predefinir o caminho – é deixar-se guiar pelo que o desenrolar da pesquisa sugerir, passo-a-passo" (Rosário; Coruja; Segabinazzi, 2021, p. 71). Na prática, essa perspectiva metodológica inverte a ordem habitual dos procedimentos: o método somente se completa e se revela no fim da pesquisa (Rosário, 2022, p. 44).

Uma possível crítica direcionada à aplicação desse método benjaminiano na comunicação diz respeito às particularidades do contexto contemporâneo, dada a emergência de novas questões que não eram problematizadas na época de Benjamin. A figura do *flâneur*, por exemplo, refere-se a um personagem masculino, branco e burguês, que habita um certo modelo de cidade europeia da segunda metade do século XIX. É fato que as grandes metrópoles tornaram-se muito mais densas e complexas, alcançando uma escala que ultrapassa os limites vislumbrados pelo caminhante urbano daquele cenário. Além disso, as pesquisas em comunicação no Brasil são atravessadas por questionamentos sobre as heranças coloniais que estavam distantes do horizonte de Benjamin. Embora Benjamin tenha se posicionado abertamente como um crítico à modernidade, a perspectiva decolonial (Ballestrin, 2013) aponta para a urgência de outros modelos conceituais para nossas pesquisas.

Essa crítica sugere que o método cartográfico de inspiração benjaminiana pode buscar articulações com perspectivas locais, tais como a proposta de Martín-Barbero (2004). Para Lopes (2018, p. 42), a obra de Martín-Barbero se apresenta como uma cartografia do conhecimento das práticas comunicacionais e culturais latino-americanas, reivindicando "a importância do papel das periferias num novo mapa global, onde os novos cartógrafos se utilizam do discurso da diversidade e da resistência". Embora as obras desses dois autores tratem de contextos geográficos distintos, suas abordagens metodológicas não estão distantes. Martín-Barbero argumenta que a reflexão crítica latino-americana está diretamente relacionada à postura dissidente de Benjamin, destacando algumas características notáveis de seu pensamento, como a dissolução do centro como método, o interesse pelas margens e as transformações dos modos de percepção na experiência social (Martín-Barbero, 2015, p. 80). Ainda segundo Martín-Barbero (2017, p. 87), o deslocamento político e metodológico empreendido por Benjamin ao estudar a cidade moderna desbloqueou "a descoberta dessa experiência outra que a partir do oprimido configura alguns modos de resistência e percepção do sentido mesmo de suas lutas".

Além da necessidade de situar o método cartográfico no contexto latino-americano, as pesquisas contemporâneas em comunicação também se encontram diante do desafio de trabalhar com relações espaciais que se configuram em ambientes constituídos de redes digitais, plataformas e processos de datificação (Van Dijck; Poell; De Waal, 2018). Nesse cenário caracterizado por operações algorítimicas e atores não-humanos, destacamos as contribuições da teoria ator-rede e da cartografia de controvérsias. Em linhas gerais, essa proposta procura identificar os atores envolvidos em uma determinada controvérsia, para que seus rastros sejam recuperados e traçados, de maneira diagramática, a fim de que sejam mapeadas as relações de força por trás da questão investigada. Uma de suas premissas considera que os atores (ou actantes) podem assumir composições híbridas, tendo em vista sua natureza humana ou não-humana. Assim, cabe ao cartógrafo observar como esses atores híbridos agem, recuperando e seguindo seus rastros na rede (Bruno, 2012).

Como mencionamos anteriormente, a ênfase na recuperação dos rastros e vestígios para alimentar o mapeamento de controvérsias apresenta sintonias com as etapas de arqueologia e montagem. Por outro lado, essas etapas precisam se adaptar a novas situações, como a coleta massiva de dados, o processamento computacional ou mesmo a criação de mapas por meio de ferramentas automatizadas de visualização. Um desafio mais significativo, no entanto, seria imaginar uma deambulação realizada por uma espécie de *flâneur* digital. As deambulações urbanas no contexto das mídias locativas já foram identificadas por André Lemos (2008). Outra pista para

desenvolver essa questão seria buscar aproximações com os procedimentos de netnografia (Santos; Gomes, 2013).

Assim, a perspectiva cartográfica benjaminiana apresenta-se como um convite para a exploração fenomenológica do ambiente e o mapeamento de relações de poder a partir dos rastros e vestígios, sem, no entanto, perder de vista a leitura crítica das condições históricas nas quais se inserem nossas pesquisas. A maneira como Benjamin questionou a historicidade dos fenômenos culturais permanece como um ponto de vista válido e instigante no contexto contemporâneo (Presner, 2019), criando pontes com questões que marcam as atuais pesquisas da comunicação. Sua contundente crítica aos modelos lineares de concepção da história continuam a estimular atitudes e gestos que, como vimos, "perturbam as 'grandes linhas' da pesquisa" (Benjamin, 2009, p. 499). Tal postura parece ser indispensável para desvelar a lógica que se apresenta nos discursos de modernização e progresso que, por sua vez, encobrem os mecanismos de opressão e dominação.

Referências

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 11:89-117, 2013.

BARRENTO, João. *Limiares sobre Walter Benjamin*. Florianópolis: UFSC, 2013.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política:* ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única:* Infância berlinense 1900. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BENJAMIN, Walter. *Baudelaire e a modernidade.* Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2015a.

BENJAMIN, Walter. *Imagens de pensamento.* Sobre o haxixe e outras drogas. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2015b.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna:* representação da história em Walter Benjamin. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

BROTTON, Jerry. *Uma história do mundo em doze mapas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BRUNO, Fernanda. Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede. *Revista FAMECOS:* mídia, cultura e tecnologia, 19(3):681-704, 2012.

CAQUARD, Sébastien; CARTWRIGHT, William. Narrative cartography: From mapping stories to the narrative of maps and mapping. *The Cartographic Journal*, London, 51(2):101-106, 2014. DOI: 10.1179/0008704114Z.000000000130

CARERI, Francesco. *Walkscapes:* Walking as an aesthetic practice. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs:* capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes.* Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FERRARA, Lucrécia. *Comunicação mediação interações*. São Paulo: Paulus, 2015.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. O camponês de Paris: uma topografia espiritual. *In*: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e rememoração*: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.

HARLEY, J. B. *The new nature of maps:* essays in the History of Cartography. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001.

HARMON, Katharine. *The Map as Art:* contemporary artists explore cartography. New York: Princeton Architectural Press, 2009.

KITCHIN, Rob; GLEESON, Justin; DODGE, Martin. Unfolding mapping practices: a new epistemology for cartography. *Transactions of the Institute of British Geographers*, Royal Geographical Society, 2012. DOI: https://doi.org/10.1111/j.1475-5661.2012.00540.x

LEÃO, L. Paradigmas dos processos de criação em mídias digitais: uma cartografia. *V!RUS*, São Carlos, 6, 2011. Disponível em: http://www.nomads.usp.br/virus/virus06/index.php?sec=3&item=1&lang=pt. Acesso em: 13 fev. 2023.

LEMOS, André. Mídia locativa e territórios informacionais. *In*: SANTAELLA, Lucia; ARANTES, Priscila (Org.). *Estéticas tecnológicas:* novos modos de sentir. São Paulo: Educ, 2008.

LOPES, M. I. V. A teoria barberiana da comunicação. *MATRIZes*, São Paulo, 12(1), 2018. DOI: http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p39-63

MACHADO, Arlindo. *O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Ofício de cartógrafo:* travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações:* comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Jóvenes entre el palimpsesto y el hipertexto*. Barcelona: Nuevos Emprendimientos Editoriales, 2017.

NOTH, Winfried. Die Karte und ihre Territorien in der Geschichte der Kartographie. *In*: GLAUSER, J.; KIENING, C. (orgs.). *Text – Bild – Karte*. Kartographien der Vormoderne. Freiburg: Rombach, 2007. p. 39-68.

PRESNER, Todd. Remapping German-Jewish Studies: Benjamin, Cartography, Modernity. *The German Quarterly*, American Association of Teachers of German, Cherry Hill, NJ, 82(3):293-315, 2009.

PRESNER, Todd. Entrevista concedida a Daniel Melo Ribeiro. *TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, 19:11-28, 2019.

RIBEIRO, Daniel Melo. Walter Benjamin e os mapas: o olhar cartográfico sobre a cidade. *In*: CAMÊLO, Francisco; LIMA, Leonardo Alves de; BANGE, Patrick Gert; SOUZA, Ricardo Pinto de. (Org.). *Benjaminiana*: outros ensaios sobre arte, política, linguagem e história. Rio de Janeiro: Desalinho, 2019. p. 121-144.

RIBEIRO, Daniel Melo. Contramapeamento indígena: aproximações entre a cartografia crítica e o decolonialismo. Dossiê Decolonialidade e política das imagens. *Revista Logos*, 55(27):17-36, 2020. DOI: https://doi.org/10.12957/logos.2020.53054

RIBEIRO, Daniel Melo. *Limiares da cartografia:* uma leitura semiótica de mapeamentos alternativos. Belo Horizonte: FAFICH Selo PPGCOM UFMG, 2021. Disponível em: https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/limiares-da-cartografia/. Acesso em: 16 fev. 2023.

ROSÁRIO, Nísia. Experimentações cartográficas do comunicacional: desterritorializando e reterritorializando o método. *In*: SALGADO, Tiago; MATTOS, Maria Ângela. *Cartografias do comunicacional e subjetividades*. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, p. 39-58, 2022. Disponível em: https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/cartografias-do-comunicacional-e-subjetividades/. Acesso em: 9 fev. 2023.

ROSÁRIO, Nísia; COCA, Adriana. A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação. *Comunicação & Inovação*, PPGCOM/USCS. 19(41):34-48, 2018.

ROSÁRIO, N. M.; CORUJA, P.; SEGABINAZZI, T.. Um panorama da cartografia no Brasil: uma investigação a partir das teses e dissertações da Comunicação entre 2010 e 2017. *Revista Intercom*, 44(2):69-88, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/1809-5844202124

SANTAELLA, Lucia; RIBEIRO, Daniel Melo. A arqueologia benjaminiana para iluminar o presente midiático. *In*: MUSSE, Christina Ferraz; SILVA, Herom Vargas; NICOLAU, Marcos Antonio (Org.). *Comunicação, mídias e temporalidades*. Brasília: Edufba; Compós, 2017. Disponível em: http://compos.org.br/ler_publicacoes.php?idPublicacao=MzU=. Acesso em: 3 ago. 2017.

SANTOS, Flávia; GOMES, Suely. Etnografia virtual na prática: análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura. 2013. VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. *Anais eletrônicos da ABCIBER*. Disponível em: https://abciber.org.br/simposio2013/anais/. Acesso em: 4 out. 2023.

STJERNFELT, Frederik. Diagramas: foco para uma epistemologia peirceana. *In*: QUEIROZ, J.; MORAES, L. (Org.). *A lógica de*

diagramas de Charles Sanders Peirce: implicações em ciência cognitiva, lógica e semiótica. Juiz de Fora: UFJF, 2013.

VAN DIJCK, J; POELL, T.; DE WAAL, M. *The platform society:* public values in a connective world. Oxford: Oxford University Press, 2018.

VENTURINI, Tommaso; MUNK, Anders. *Controversy Mapping:* a field guide. Cambridge: Polity Press, 2022.

ZUMTHOR, Paul. *La mesure du monde:* représentation de l'espace au moyen âge. Paris: Éditions du Seuil, 1993

Artigo submetido em 08/05/2023
Aceito em 04/10/2023